
JAZZ

29 ABRIL '08

MARC COPLAND

GREG OSBY

JOHN HEBERT

BILL STEWART

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



TERÇA 29 ABRIL 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/12

Piano Marc Copland
Saxofone Greg Osby
Contrabaixo John Hebert
Bateria Bill Stewart

1 + 1 + 1 + 1 = 4

*The Wizard of Oz.
Spinning out lines of proustian complexity,
angular and shifting,
lines too free to be tied to the chords
of which they are constantly and totally aware –
like a flock of birds, soaring over water and earth
with apparent indifference but knowing
full well where they are
at all times.*

MARC GOPLAND, 2003

Impossíveis de traduzir – além disso empresa votada ao fracasso e totalmente desadequada ao seu sentido, afinal poético – são estas sensíveis palavras assim alinhadas por Marc Copland a propósito de Greg Osby e que, em jeito de introdução, resolvi extrair do bellissimo texto/dedicatória/homenagem de um músico a outro músico com o qual tão manifestamente se identificou, ao partilharem ambos essa singela obra-prima que é *Round and Round*, um dos dois únicos álbuns que pianista e saxofonista até hoje gravaram em fabulosos duetos, este publicado em 2003 pela editora Nagel-Heyer e para o qual

Copland escreveu as notas de capa, acima parcialmente citadas.

Na verdade, só um artista tão afecto a um intenso lirismo musical, como Marc Copland, poderia ter elaborado o que escreveu de forma assim inspirada, sobretudo pela singularidade de se tratar de um gesto de admiração em relação a um outro artista de origens e convicções musicais bem diferentes e com o qual, talvez por isso mesmo, tão bem cruzou enriquecedores caminhos de invenção no dialéctico entendimento da criação musical.

De resto, um dos aspectos mais curiosos e fascinantes do concerto desta noite

será, sem dúvida, a circunstância de em palco se encontrarem quatro individualidades e quatro percursos musicais muito distintos entre si mas formando uma entidade que, na sua dissemelhança interna, tenderá a proporcionar entusiasmantes pontos de encontro, isto para não arriscar afirmar que estará muito mais presente do que poderá julgar-se a dinâmica e interactiva coesão de um todo que sempre se moldará a partir do contributo afirmativo e pessoal de cada uma das partes – daí o pouco imaginativo título que encima estas notas.

Aliás, embora em rigor não pudesse estranhar-se o uso da fórmula consagrada, parece-me que andou bem a Culturgest ao propor-nos, na apresentação deste concerto, o alinhamento dos quatro nomes dos seus participantes em vez de optar pela menos ajustada designação Quarteto de Marc Copland, até pelo facto de (segundo julgo) nunca como tal eles se terem apresentado em público ou, pelo menos, jamais deste grupo ter resultado, até hoje, qualquer gravação. Exceptuam-se, naturalmente, as ocasiões em que, como já foi referido, Copland formou duetos com Osby ou o facto de Bill Stewart participar, desde há uma quinzena de anos, em trios liderados pelo pianista.

Dito isto, sem dúvida que pela própria função de um instrumento como o piano numa formação deste tipo

– constituindo-se uma base de sustentação harmónica e numa rica e poderosa fonte de envolvimento sonoro que irradia para todo o colectivo – é natural que o papel desempenhado por Marc Copland, até pela autoria de muitas das composições que poderão ser tocadas, se imporá como especial foco de atenções.

Não deixa de ser interessante constatar como, após os primeiros passos na sua carreira profissional enquanto saxofonista, Copland se tenha decidido pela escolha do piano, regressando à cena do jazz só depois de um “retiro” durante o qual tê-lo-á estudado com afinco. Acontece que, segundo o próprio, passara a ser-lhe impossível transpor para um instrumento melódico a multitude de ideias harmónicas que lhe vinham à mente ou mesmo o tipo de desenvolvimento melódico que só o confronto das duas mãos sobre um teclado podem gerar e exteriorizar, como ele pretendia.

Sendo esta a razão pela qual só relativamente tarde o pianista começou a ser notado como um dos mais criativos músicos de jazz no seu instrumento, o facto é que a sua riquíssima discografia se multiplicou exponencialmente, com especial relevo a partir dos anos da transição de século, com uma frequência média de três/quatro títulos anuais, publicados por diferentes editoras (sobretudo europeias) e cobrindo toda uma variedade de formações

instrumentais: duos, trios, quartetos, quintetos. Com isso convocando, para esses grupos, outras personalidades e solistas de orientações estéticas relativa ou francamente distintas, como Dave Liebman ou Jane Ira Bloom, Joe Lovano ou Greg Osby, Gary Peacock ou Drew Gress, Paul Motian ou Billy Hart, Kenny Wheeler ou Tim Hagans, com o qual esteve no Guimarães Jazz de 2006.

Utilizando de forma radiosa e ampla um impressionismo harmónico e um lirismo melódico que o colocam num plano superior, Copland, na aparente parcimónia de um estilo porventura menos exuberante, afasta-se dos arrebatamentos neo-românticos de outros grandes pianistas, como um Brad Mehldau, mas integra um conjunto de eleitos que, buscando a modernidade através de uma arrojada mobilidade harmónica, desenvolvem estilos próprios e bem marcados, esteticamente transversais e intemporais, como um Fred Hersch, um Kenny Werner ou um Bill Carrothers. Música tonal, sem dúvida, mas navegando pela tonalidade ao sabor das mais inesperadas modulações.

Num entendimento inteiramente diverso do que é uma linguagem-jazz moderna, o saxofonista Greg Osby é hoje, porventura, a face mais evidente da recuperação/renovação/testemunho da identidade afro-americana no jazz actual. Oriundo do movimento M-Base,

impulsionado por outro decisivo espírito inovador (Steve Coleman), Osby soube criar no seu trajecto posterior um estilo único e reconhecível de imediato, através da absoluta rejeição dos modelos de fraseado herdados ainda do *bebop* e de certos clichés e mnemónicas a ele associados, optando ao contrário por um novo tipo de articulação do discurso melódico e por uma complexa e intrigante desmultiplicação das métricas no interior desse discurso.

Ao mesmo tempo capaz de um timbre aveludado e de um vibrato que lembra os clássicos e de um radicalismo sónico que pode evocar os ecos do *free jazz*, Greg Osby assume-se, em termos melódicos, como um exemplo paradigmático do novo jazz que não se confina a uma dada ideia-feita, antes se constrói pela confluência e invocação (assentes numa firme cultura jazzística) de uma angulosa e fragmentada multiplicidade de sinais contrários e tendo por base um impressionante domínio harmónico, à prova dos desvios mais inesperados e desconcertantes, em rigorosa consonância e respeito pelo material temático de partida.

Já Bill Stewart é um baterista que nos transmite, através do seu instrumento, da afinação deste e do modo como faz soar as peles dos tambores ou deixa faiscar o metal dos címbalos, a ideia acabada de um percussionista perfeito.

Com um jogo solto feito de um *swing* leve mas não isento das mais poderosas explosões, Stewart jamais deixa de intervir com pequenos comentários e acentuações no próprio desenvolvimento e viragens da música que os seus pares propõem, sempre com uma rigorosa interiorização da forma e da estrutura que não excluem a frequente e inesperada subversão destas. Na linha clássica-moderna de um Tony Williams ou de um Jack DeJohnette, Bill Stewart é hoje, seguramente, um dos mais impressionantes e subtis catalisadores de energia no jazz actual.

Mais novo do que os seus companheiros de palco, John Hebert é, ao mesmo tempo (se não erro), o único dos quatro que, tanto quanto se conhece da informação disponível, jamais terá gravado com qualquer dos presentes, embora já tenha tocado conjuntamente com Greg Osby. O que não deixa de ser um outro suplementar motivo de curiosidade e elemento de acicate neste concerto.

Sendo claramente multidisciplinar dada a sua participação em vários contextos estéticos, este contrabaixista oriundo de Nova Orleães – mas hoje frequentador assíduo dos mais aventurosos meios jazzísticos da *downtown* nova-iorquina – tanto está à vontade, com a sua puxada vigorosa nos graves do instrumento, enquanto guardador

do tempo e elemento aglutinador de ideias dispersas que espontaneamente vagueiem à sua volta, como pode ser, ele próprio, cúmplice e até motor de aleatórios momentos de improvisação livre que se imiscuem em meio de estruturas definidas e estabelecidas (que é o terreno preferido de Marc Copland), o que o torna num potencial elemento-chave desta aventura a quatro.

Enfim, um concerto prometedor, mais um com todas as condições para se transformar num dos melhores da presente temporada. A inveja que eu tenho de não poder estar presente!

MANUEL JORGE VELOSO
blog *O Sítio do Jazz*
Abril, 2008

Marc Copland

Nasceu a 27 de Maio de 1948 em Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Fez parte de uma vibrante cena musical em Filadélfia, como saxofonista, antes de ir para Nova Iorque, onde encontrou John Abercrombie e onde também tocou, entre outros, com Chico Hamilton.

Experimentou o saxofone alto eléctrico, mas gradualmente foi ficando insatisfeito com a direcção da sua música tomava. Deixou Nova Iorque e abandonou o saxofone para estudar piano. Desapareceu da cena musical durante quase dez anos e regressou ao mundo do jazz a meio da década de 1980. A sua forma de tocar piano foi uma revelação, com um estilo original firmemente estabelecido.

A sua carreira como *sideman* (com Bob Belden, Joe Lovano, James Moody, Wallace Rooney e outros) em Nova Iorque foi relativamente curta: começou a gravar e a fazer digressões num trio

com Gary Peacock e Bill Stewart (e mais tarde com Billy Hart).

Gravou três magníficos álbuns para a editora Savoy (*Stompin' with Savoy*, 1995, *Second Look*, 1996 e *Softly*, 1998) que estiveram na base de digressões com um quinteto All-star (Randy Becker, trompete, Bob Berg, sax tenor, James Genus, contrabaixo, Dennis Chambers, bateria) e em quarteto com John Abercrombie (guitarra), Drew Gress (contrabaixo) e Billy Hart (bateria).

Copland é considerado um parceiro em duo sem rival, como o atestam as gravações que fez com músicos como Peacock, Tim Hagans e, evidentemente, o seu actual parceiro, Greg Osby.

Desde o ano 2000 já gravou, como líder, cerca de 20 álbuns para as editoras Challenge, Hatology, Nagel-Heyer, Sketch, Pirouet.

(in www.marccopland.com)

Greg Osby

Nasceu em St. Louis, Missouri, a 3 de Agosto de 1960. Foi em St. Louis que iniciou a sua carreira profissional em 1975, envolvendo-se intensamente com os grupos de blues e de jazz dessa cidade. Entre 1978 e 1983 estudou música na Universidade de Howard e no Berklee College of Music, em Boston.

Tendo-se mudado para Nova Iorque, Osby rapidamente firmou uma reputação de notável *sideman*, procurado por músicos tão diferentes como Herbie Hancock, Dizzie Gillespie, Andrew Hill, Muhal Richard Abrams, Jim Hall e Jaki Byard.

Em 1985 Osby juntou-se à banda Special Edition de Jack DeJohnette. “A forma como eu pensava a música, quer em concerto, quer compondo, avançou durante esses anos, porque Jack estava aberto às minhas contribuições e era muito encorajadora a forma como me estimulava a manter uma constante experimentação. Esses anos marcaram

um ponto de viragem no meu desenvolvimento como artista.”

Em 1987 Osby gravou o seu primeiro álbum, para a JMT (Jazz Music Today). Em 1990 assinou com a editora Blue Note Records e desde então gravou quinze álbuns como líder para essa etiqueta. Em Channel Three, o seu último registo para a Blue Note, Osby toca em trio com o baterista Jeff “Tain” Watts e um recém-chegado à cena internacional do jazz, o contrabaixista Matt Brewer. Greg Osby esteve na Culturgest em Novembro de 2004 liderando um quinteto.

(in www.gregosby.com)

John Hebert

Nasceu em Nova Orleães, Luisiana, onde começou a estudar contrabaixo com Bill Huntington. Fez o seu curso na Universidade de Loyola na sua terra natal. Depois de dois anos a tocar com muitos dos grandes músicos de Nova Orleães e em vários clubes, incluindo o New Orleans Jazz and Heritage Festival, mudou-se para Nova Iorque para frequentar a William Paterson University onde continuou os seus estudos como contrabaixista com Rufus Reid e concluiu o bacharelato em Jazz Performance.

Desde essa altura que tem vivido em Nova Iorque, tornando-se num contrabaixista muito solicitado. Trabalhou ao lado de músicos famosos como Andrew Hill, Lee Konitz, Paul Bley, John Abercrombie, Greg Osby, Kenny Wheeler, David Liebman, Fred Hersh, Paul Motian, Maria Schneider, Jason Moran, Toots Thielemans e muitos

outros. Também lidera o seu próprio grupo, Byzantine Monkey, e tem recebido muitos elogios quer pelas suas composições, quer pela forma como toca. Em 2006 e 2007 incluído na lista elaborada pelos críticos reunidos pela Revista *Down Beat* na categoria de “Rising Star Acoustic Bassist”. Trabalhou com Andrew Hill em várias formações lideradas por ele – trio, quinteto, noneto e a Anglo-American Big Band. Participou no último álbum de Hill para a Blue Note, Time Lines, considerado pela *Down Beat* disco do ano em 2007. Hebert esteve na Culturgest com o quinteto de Hill em Novembro de 2006 e tem tocado por todo o mundo em festivais como North Sea Jazz Festival, Tampere Jazz Festival, Moers Jazz Festival, Montreal Jazz Festival, Ear Shot Jazz Festival, San Francisco Jazz Festival e muitos outros.

(in www.johnhebert.com)

Bill Stewart

O baterista Bill Stewart nasceu em 18 de Outubro de 1966 em Des Moines, Iowa, EUA. Cresceu a ouvir a colecção de discos de jazz e R&B dos seus pais, porque o jazz era um produto raro em Iowa nos anos de 1970, e tocou em bandas escolares.

Estudou na University of Northern Iowa, onde participou em bandas e orquestra de jazz, transferindo-se de seguida para o William Patterson College, em Nova Jersey. Pouco depois estreou-se nas gravações com o saxofonista Scott Kretzner – ocasião em que conheceu Marc Copland com quem continuou a trabalhar durante vários anos. Durante a sua carreira como *sideman* tocou com numerosos músicos como Peter Bernstein, Bill Carrothers, Bill Charlap, Marc Copland, Larry Goldings, Joe Lovano, Pat Metheny e John Scofield, com quem trabalhou durante cinco anos, entre 1990 e 1995.

Continua a apresentar-se em trio com Scofield e Steve Swallow e com Copland e Gary Peacock.

Compositor de talento, Bill gravou vários CD's como líder, incluindo *Think Before You Think* (para a Jazz City) com Copland, Lovano e Dave Holland e *Snide Remarks* (para a Blue Note) com Bill Carrothers, Eddie Henderson e Larry Grenadier. O seu último projecto é um trio com dois tecladistas, Larry Goldings e Kevin Hays.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

JAZZ QUI 24 ABRIL

Sei Miguel

CICLO ISTO É JAZZ?

Comissário: Pedro Costa

Peq. Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

Sei Miguel, que se considera um “simplez jazzman” o que para si “nem sempre é fácil”, nasceu em 1961, em Paris. Entre a capital francesa e o Brasil passou a infância e grande parte da adolescência. Veio para Portugal no início dos anos de 1980 e liderou a sua primeira formação, os Moeda Noise, em 1984, já com Fala Mariam a seu lado.

Nos anos de 1980 edita na editora Ama Romanta os LP's *Breaker*, *Songs Against Love and Terrorism* e *The Blue Record*. Enche o Ritz Club, é capa do *Blitz* e é nomeado para os “Setes de Outro”. Na década seguinte edita *The Portuguese Man of War*, *Showtime* e *Token* que lhe continuam a render os mais rasgados elogios.

Participou como solista, a convite do compositor brasileiro Lívio Tragtenberg, no ballet-teatro *Othello: Das ist die Nacht*, produzido pela Theaterhaus Stuttgart em 1995, e em 1999 voltou ao Brasil, São Paulo, tocar a suite *S. P. Blues and Peaceful Warning*.

Em 2002, a editora Headlights acolhe o regresso pleno do trompetista ao *underground* lisboeta e lança *Still Alive em*



Bairro Alto, em septeto e no ano seguinte é editado *Ra Clock*.

O mais recente trabalho de Sei Miguel, *The Tones Gardens*, com três peças (*Gardens 1, 2 e 3*), é editado em 2006 pela editora Creative Sources e recebe nota máxima no jornal *Público*.

Para este concerto, Sei Miguel vai apresentar o seu Quarteto habitual e alguns convidados que vão tocar, separadamente e em conjunto, algumas das suas peças.

O repertório é o que Miguel tem trabalhado nos últimos tempos com o seu Quarteto, e que nasceu de uma homenagem ao poeta, musicólogo e ensaísta brasileiro Mário de Andrade.

Sei Miguel é um músico e compositor de grande rigor e cujo credo no trabalho incessante e obsessivo da sua “working band” lhe tem valido os maiores elogios, mas também alguma incompreensão. O que parece no entanto incontestável é o seu lugar na história do jazz em Portugal, pela sua perseverança, pela sua visão, pelo seu valor enquanto trompetista e *band leader*.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt